



POLÍTICA NACIONAL (N)

JORNAL NOVO

13/5/78

Classificados + P. P. I.

+ Recortes + P. P. I. +

As três admirações de Pintasilgo

por João de Sousa Câmara

É ainda com emoção, sempre a mesma e sempre viva, que a consciência nacional se interroga sobre os motivos da grande admiração de Lurdes Pintasilgo por Samora Machel. E compreende-se. O religioso respeito pela verdade social e pela virtude e heroísmo dos mais humildes — nobres atitudes de Lurdes Pintasilgo — nada têm que ver com o carácter inumano e antireligioso do algoz de Moçambique. Daí, que seja caso para perguntar: será Maria de Lurdes Pintasilgo comunista? Mais! Estará já o euro-comunismo a servir-se dos católicos progressistas para lugares de vanguarda? Não sabemos! O certo é que os agentes de Moscovo são hoje os proprietários do Alentejo, por força do saque e do roubo, dispõem dos dinheiros da Banca, beneficiam dos produtos da terra e das matas, desfrutam das casas e dos equipamentos, tudo para maior prestígio e glória soviéticas. É inegável que as empresas nacionalizadas, para além de somarem défices sucessivos que todos os portugueses pagam, contam nas suas fileiras com verdadeiros exércitos de militantes comunistas, tudo para maior serviço da pátria russa. É inquestionável que a destruição galopante e criminosa da longa acumulação da fortuna nacional e a prática da antecipação de ri-

quezas é o resultado da revolução comunista-socialista. Tudo isto é indisputável. Tudo são sintomas alarmantes da colectivização da economia e da implantação do comunismo em Portugal. Mas é Lurdes Pintasilgo uma verdadeira colectivista? É ela responsável pelas nacionalizações gonzalvistas? Porventura está comprometida na reforma agrária? Mais! É ela desfavorável à redução das despesas públicas e privadas? Não é propícia à passagem para a iniciativa privada de serviços em que a exploração do Estado se tem demonstrado ineficaz? Não é defensora da reconstituição e aumento, pela economia dos particulares, da fortuna e produção nacionais? Não sabemos! Para já, o que não desconhecemos é a sua grande admiração pelo sicário de Moçambique. E isto é muito importante. Decididamente, o horror dos crimes de Samora Machel só os comunistas o podem sublimar.

Em todo o caso compreendemos a entusiástica devoção de Maria de Lurdes Pintasilgo pelo chamado melo-antunismo. E os resultados estão bem à vista. Não há dúvida que a sua escolha é digna da sua devoção. O melo-antunismo não se desmente. Naturalmente Maria de Lurdes Pintasilgo foi nomeada primeiro-ministro em obediência a um

projecto euro-comunista. Com um fundo inesgotável de optimismo e cheia de espírito missionário terceiro-mundista, Pintasilgo é o instrumento comunista dócil desta hora, para preparar as eleições, precisamente quando a Europa se prepara para a passagem da liderança nos governos. É, pois, um remate à altura da situação. Dir-nos-ão, talvez, que a sua nomeação é uma simples coincidência. Ora isto é mais do que nós podemos saber. Mas, quantas outras coisas devem os portugueses ignorar sobre o seu destino? Afinal, quem foi que fabricou o 25 de Novembro e arancou do anonimato o seu herói? Porventura foi o Zé Povinho ou o conselheiro Acácio?

Quem foi que inventou toda aquela conversa fiada do «cumpre», mais a excentricidade da lista «gauche» dos candidatos às eleições presidenciais? Não foi com certeza a conjuração do imenso talento do conselheiro Pacheco. Quem foi, enfim, que pôs todo o País, moderado e conservador, a votar em cheio no candidato que oferecia mais garantias de justiça? Não foi certamente a palavra piedosa do Padre Amaro. Pois bem, justo é que se tenha pelo modelo melo-antunista o cuidado e desvelo que merece. Não obstante o êxito

consecutivo desta política de manhas, a opinião continua desnacionalizando o seu triunfo. Os maldizentes, para apoucar este conselheirismo, propalam à boca cheia que neste plano tenebroso do euro-comunismo está sobre o domínio implacável dos por-úrgentes, para destruir o incalculável prestígio dos conselheiros, sopram alto que neste projecto híbrido da economia de mercado, com a economia de direcção central, se encontra mais uma das célebres experiências sinistras da CIA. Afirmam com convicção: hoje, depois do exemplo da China, não vai faltar dinheiro aos países comunistas que se deixem manipular por Washington contra Moscovo.

Certamente todos estes argumentos são por demais injustos e megalómanos, porquanto incapazes de reconhecer a importância relativa de Portugal no concerto das nações e o mérito absoluto, o talento esmagador do conselheirismo provinciano revolucionário no melo português, nomeadamente através deste projecto euro-comunista do melo-antunismo.

Daí ser perfeitamente compreensível o arrebatamento de Pintasilgo. Aliás, a sua capacidade de admiração poética vem de

longe. No passado esteve mesmo dedicada ao serviço da ode democrática de Marcelo Caetano. Foi não só contemplativa, como activa, ao enlevar-se e extasiar-se pelo caetanismo da revolução na continuidade. Em boa verdade, não se pode deixar de reconhecer que Lurdes Pintasilgo tem sabido acompanhar os tempos, de modo a encontrar sempre novas afinidades místicas, com os valores aqui apontados — dos três que quisemos indicar como demonstrativos da sua admiração não ser sempre um sintoma de acerto, muito ao contrário... Em Marcelo viu, talvez, a revolução redentora, no melo-antunismo descobriu, certamente, a cultura libertadora e em Machel apreciou indubitavelmente a civilização resgatadora. Em resumo, novas coincidências preocupantes: como podem três M suscitar tanta admiração?

Somente toda esta consagração dos falsos valores apaga-se um pouco perante o processo brilhante dos verdadeiros émulo de Pintasilgo, que na primeira metade deste século, em três regimes bem diferentes, conseguiram ser bons franquistas, excelentes afonsistas e óptimos salazaristas. Destacaram-se sempre pela sua oportunidade visionária e por mostrarem no serviço uma obsti-

nação e exaltação que ninguém mais tinha. Daí o passarem à história com o prestígio de serem mais papistas do que o Papa. Ou por outras palavras: distinguiram-se como cristãos novos, com a conhecida vocação do risco, sempre prontos a pregar no dia seguinte contra todos, até contra o próprio S. Paulo, a doutrina que tinham aprendido na véspera. Em todo o caso, para não sermos de qualquer modo injustos para com o idealismo e a imparcialidade tão publicitada de Maria de Lurdes Pintasilgo, não podemos esquecer, hoje, cheios da intolerância política que grassa pelos meios de comunicação social, as velhas, mas oportunas, observações de Eça de Queirós, sobre as consequências do terrorismo verbal, ainda que só na imprensa. Basta ver como Fradique Mendes lastimava a eterna falta de isenção política do fanatismo, que se radicalizava em posições extremas, em polémicas arrebatadas, desabridas e turbulentas. Assim, ainda quando um dia de um lado da barricada surgisse o próprio S. Francisco de Assis, pronto a praticar o bem, do outro lado o adversário, sem qualquer cedência não deixaria de lhe dizer as últimas num simples brado: «Lá anda aquele malandro a esbanjar com os vadios o dinheiro que roubou!»

+ Recorte

+ P. P. I.